



PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

PREVALENCE AND FACTORS ASSOCIATED WITH SELF-MEDICATION IN NURSING STUDENTS PREVALENCIA Y FACTORES ASOCIADOS A LA AUTOMEDICACIÓN EN ACADÉMICOS DE ENFERMERÍA

Karla Taisa Pereira Colares¹, Fernanda Caroline Ramos Barbosa², Barbhara Mota Marinho³, Roberto Allan Ribeiro Siva⁴

RESUMO





Objetivo: conhecer a prevalência da automedicação e os fatores associados a essa prática entre os acadêmicos do curso de Enfermagem. **Método:** trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e transversal, no qual foram avaliados 143 questionários, tabulados pelo Programa Excel. Apresentaram-se figuras para a síntese dos resultados. **Resultados:** identificou-se que a prevalência da automedicação foi de 97,9%, sendo os analgésicos/antitérmicos (50,71%), os anti-inflamatórios (18,57%) e os antialérgicos (12,86%) as classes terapêuticas mais utilizadas. Apurou-se que as queixas mais apontadas como motivos para a automedicação foram as dores de cabeça (53,57%), as alergias (18,57%) e as infecções de garganta (17,14%). **Conclusão:** observou-se alta prevalência da automedicação e se demonstrou a necessidade de se fortalecer a educação dos universitários para o uso racional de medicamentos a fim de se preservar a sua própria segurança, bem como a dos seus futuros pacientes. **Descritores:** Automedicação; Reação Adversa; Preparações Farmacêuticas; Anti-inflamatórios; Estudantes de Enfermagem; Farmacoepidemiologia.

ABSTRACT

Objective: to know the prevalence of self-medication and the factors associated with this practice among nursing students. **Method:** This is a quantitative, descriptive and cross-sectional study, in which 143 questionnaires were evaluated and tabulated by the Excel Program. Figures were presented for the synthesis of the results. **Results:** the prevalence of self-medication was 97.9%, with analgesics/antipyretics (50.71%), anti-inflammatory drugs (18.57%) and anti-allergic drugs (12.86%) were the most used therapeutic classes. The most common complaints as reasons for self-medication were headaches (53.57%), allergies (18.57%) and throat infections (17.14%). **Conclusion:** a high prevalence of self-medication was observed and demonstrated the need to strengthen university education for the rational use of drugs to preserve their own safety and their future patient's safety. **Descriptors:** Self-Medication; Adverse Reactions; Pharmaceutical Preparations; Anti-inflammatory Agents; Students Nursing; Pharmacoepidemiology.

RESUMEN

Objetivo: conocer la prevalencia de la automedicación y los factores asociados a esa práctica entre los académicos del curso de Enfermería. **Método:** se trata de un estudio cuantitativo, descriptivo y transversal, en el cual 143 cuestionarios fueron evaluados, tabulados por el Programa Excel. Se presentaron figuras para la síntesis de los resultados. **Resultados:** se identificó que la prevalencia de la automedicación fue de 97,9%, siendo los analgésicos/antitérmicos (50,71%), los anti-inflamatorios (18,57%) y los antialérgicos (12,86%) las clases terapéuticas más utilizadas. Se observó que las quejas más destacadas como motivos para la automedicación fueron los dolores de cabeza (53,57%), las alergias (18,57%) y las infecciones de garganta (17,14%). **Conclusión:** se observó una alta prevalencia de la automedicación y se demostró la necesidad de fortalecerse la educación de los universitarios para el uso racional de medicamentos para preservarse su propia seguridad, así como la de sus futuros pacientes. **Descriptor:** Automedicación; Efectos Colaterales; Preparaciones Farmacéuticas; Antiinflamatorios; Estudiantes de Enfermería; Farmacoepidemiología.

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM. Nova Porteirinha (MG), Brasil.  ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1451-7938> ²Faculdade Vale do Gortuba/FAVAG. Nova Porteirinha (MG), Brasil.  ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1843-8601> ^{3,4}Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM. Janaúba (MG), Brasil.  ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9536-4901>  ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0992-9583>

Como citar este artigo

Colares KTP, Barbosa FCR, Marinho BM, Silva RAR. Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem. Rev enferm UFPE on line. 2019;13:e239756 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.239756>

INTRODUÇÃO

Define-se a automedicação como a prática de utilizar medicamentos sem a prescrição de um profissional devidamente habilitado, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas percebidos pelo usuário.¹ Pode-se reconhecer,² a automedicação como um fenômeno de autocuidado com a saúde, o qual, até certo ponto, é inevitável, no entanto, essa prática pode ser potencialmente danosa à saúde, tanto individual, quanto coletiva, principalmente, pelo fato de que nenhum medicamento é inócuo ao organismo.³

Salientam-se,⁴ o risco de intoxicação por medicamentos e as suas consequências, tanto para o indivíduo, como para os serviços públicos de saúde. Citam-se, ainda, por estes autores, dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), os quais evidenciam que 15% a 20% dos gastos hospitalares são aplicados no tratamento de complicações causadas pela automedicação.

Associam-se à automedicação vários fatores, entre eles: a experiência prévia com o sintoma ou a doença; a sensação de conhecimento sobre a doença; a atitude do indivíduo face à doença e a facilidade de acesso aos fármacos.⁵

Considera-se a automedicação entre os estudantes da área da saúde um problema de saúde pública de extrema relevância devido à sua magnitude epidemiológica e ao seu impacto negativo.⁶

OBJETIVO

- Conhecer a prevalência da automedicação e os fatores associados a essa prática entre os acadêmicos do curso de Enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, transversal, conduzido entre os acadêmicos do curso de Enfermagem (primeiro, terceiro, quinto, sétimo e nono períodos), do período noturno, da Faculdade Vale do Gortuba (FAVAG), localizada no município de Nova Porteirinha, no interior do Estado de Minas Gerais, na microrregião da Serra Geral.

Procedeu-se à coleta de dados no primeiro semestre letivo de 2017, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer de nº 1.960.295 e o CAAE 64592317.1.0000.5146.

Constituiu-se a amostra não probabilística por 195 estudantes com idade igual ou superior a 18 anos, que consentiram a sua participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Adotaram-se, como critérios de inclusão, estar devidamente matriculado no curso de Enfermagem, consentir a participação e estar presente na data da coleta dos dados.

Elencaram-se, como critérios de exclusão, possuir idade inferior a 18 anos ou não consentir a participação na pesquisa.

Coletaram-se os dados por meio de um questionário estruturado com questões sobre o perfil do acadêmico, tais como o sexo, a idade, o curso, o período, se possui plano de saúde privado e questões relacionadas à automedicação (procurou-se saber se os participantes a praticaram em algum momento da vida, incluindo nos últimos 30 dias, queixas, o tipo de medicamento utilizado e os fatores que influenciaram a prática da automedicação).

Informaram-se, aos estudantes, antes de se aplicar os questionários, os objetivos e procedimentos da pesquisa e responderam-se, prontamente, aos questionamentos. Registra-se que aqueles acadêmicos que aceitaram participar assinaram o TCLE. Ressalta-se que, antes de apresentar a pesquisa aos estudantes, o diretor institucional concedeu, aos pesquisadores, a autorização, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Institucional (TCI), respeitando-se os aspectos éticos e legais definidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Analisou-se, na primeira etapa do tratamento dos dados, o preenchimento dos questionários de modo a se verificar se houve o preenchimento completo. Excluíram-se aqueles questionários que não foram preenchidos em sua totalidade. Tabularam-se, na segunda etapa, os dados em um sistema informatizado (*Excel 2010*) para a análise dos resultados em porcentagem. Estudaram-se, por fim, os dados obtidos, discutindo-os a partir da literatura.

RESULTADOS

Verificou-se a participação de 195 estudantes que responderam ao questionário. Excluíram-se 52 por apresentarem o preenchimento incompleto, restando 143 questionários válidos.

Observou-se, com relação ao sexo, que a maioria dos entrevistados (123; 86,01%) era do sexo feminino e 20 (13,99%) estudantes eram do sexo masculino. Percebeu-se, a respeito da faixa etária, que a maioria (98; 68,53%) possuía entre 18 e 23 anos, 23 (16,08%), entre 24 e 30 anos, 14 (9,79%), entre 31 e 36 anos, sete (4,90%), de 37 a 42 anos e somente um acadêmico (0,70%) apresentou idade superior a 42 anos.

Identificou-se, no que concerne ao estado civil dos participantes, que 101 (70,63%) eram solteiros, 32 (22,38%), casados, um (0,70%), viúvo, cinco (3,50%), separados/divorciados e quatro (2,80%) declararam estar em outras situações.

Verificou-se, quando interrogados sobre possuir plano de saúde privado, que apenas 23 (16,08%) afirmaram tê-lo e 120 (83,92%) responderam não dispor deste serviço.

Revela-se que 140 (97,90%) acadêmicos de Enfermagem relataram ter utilizado medicamentos sem prescrição em algum momento da vida (Figura 1). Notou-se, quanto à realização dessa prática

nos últimos 30 dias, uma prevalência de 51,75% (74) (Figura 2).

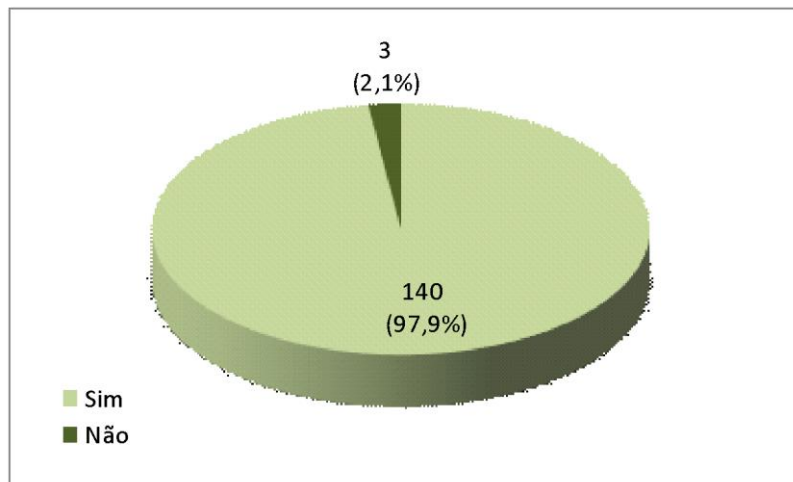


Figura 1. Prevalência da automedicação, em algum momento da vida, entre os acadêmicos de Enfermagem da FAVAG. Nova Porteirinha (MG), Brasil, 2017.

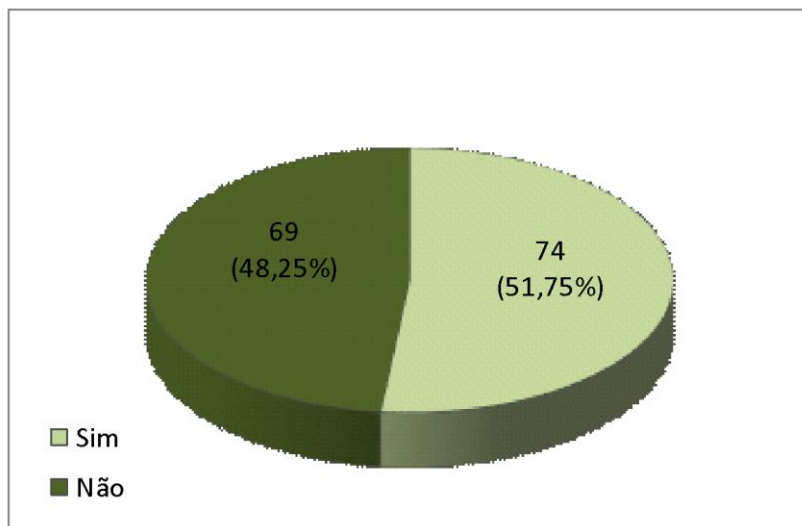


Figura 2. Prevalência da automedicação, nos últimos 30 dias, entre os acadêmicos de Enfermagem da FAVAG. Nova Porteirinha (MG), Brasil, 2017.

Destacaram-se, como as classes terapêuticas mais utilizadas pelos estudantes, os analgésicos e antitérmicos (71; 50,71%), seguidos dos anti-inflamatórios (26; 18,57%) e antialérgicos (18; 12,86%) (Figura 3). Ressalta-se que, neste estudo, os fármacos menos citados na automedicação foram os antibióticos (11; 7,86%), xaropes para a tosse (oito; 5,71%), descongestionantes nasais (quatro; 2,86%) e antiasmáticos (dois; 1,43%) (Figura 3). Apurou-se que as queixas que mais

motivaram a automedicação foram as dores de cabeça (75; 53,57%), as alergias (26; 18,57%), as infecções de garganta (24; 17,14%) e os resfriados/gripes (nove; 6,43%) (Figura 4).

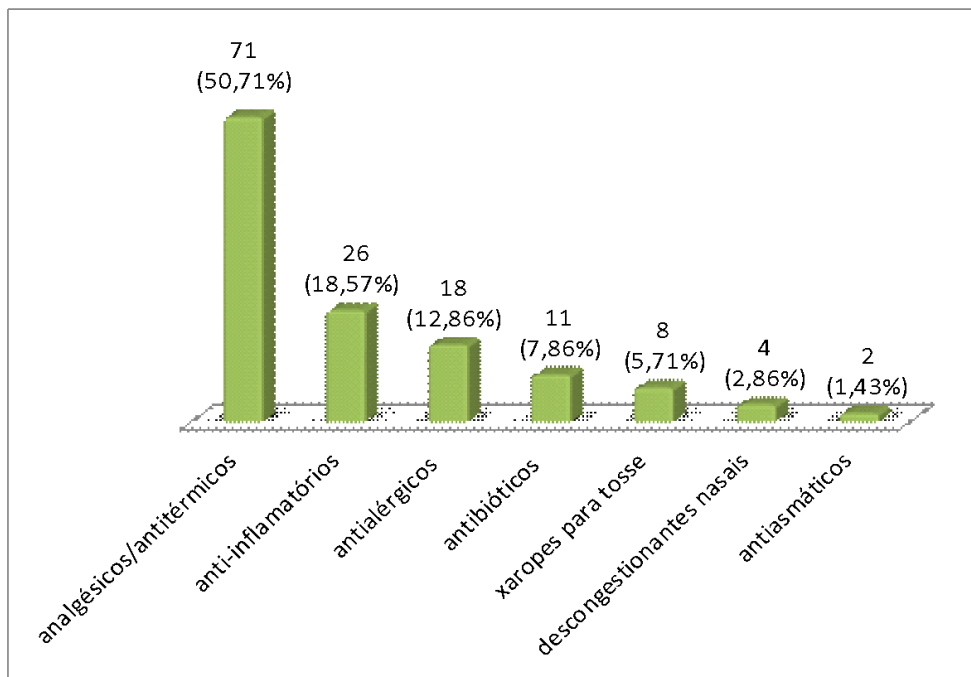


Figura 3. Grupos farmacológicos utilizados, sem prescrição, pelos acadêmicos de Enfermagem da FAVAG. Nova Porteirinha (MG), Brasil, 2017.

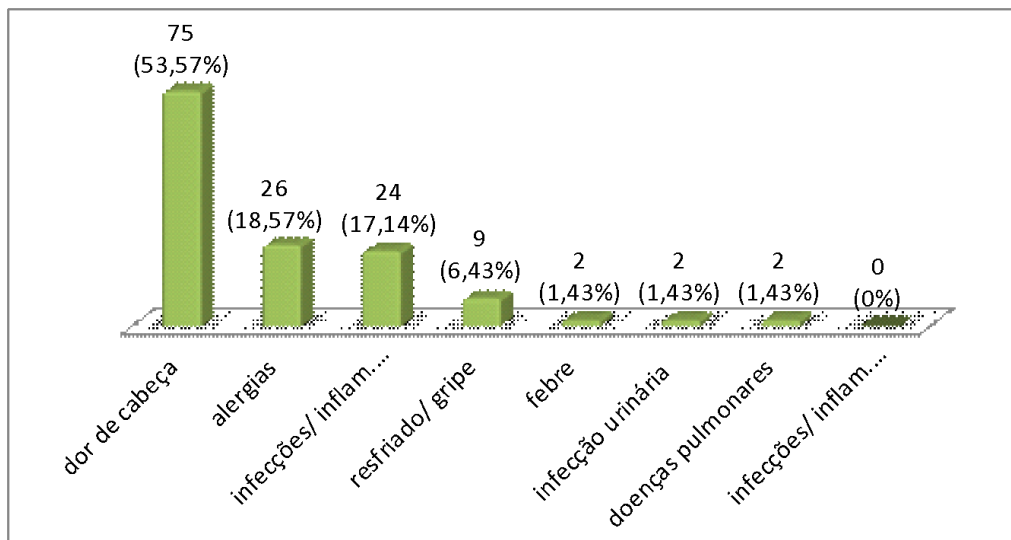


Figura 4. Queixas que motivaram a automedicação nos acadêmicos de Enfermagem da FAVAG. Nova Porteirinha (MG), Brasil, 2017.

Observou-se, com relação ao tempo de uso da medicação, que 41 (29,29%) responderam terem usado somente em um dia, 25 (17,86%), em dois dias, 41 (29,29%), em três a cinco dias e 33 (23,57%), por mais de cinco dias. Percebeu-se que, ao se investigar se seguiram as instruções da bula, a maioria (79; 56,43%) respondeu não a seguir.

Pontua-se, sobre já terem solicitado orientações ao farmacêutico ou balconista para a compra de medicamentos sem receita, que 86 (60,14%) acadêmicos responderam ter feito essa prática e 77 (53,85%) afirmaram já ter recebido, na farmácia, conselhos não solicitados.

Constata-se, ao se analisar a influência de terceiros sobre a prática da automedicação, que 90 (62,94%) estudantes já solicitaram conselhos a terceiros, sendo que 42 (46,67%) solicitaram a

parentes, 19 (21,11%), a balconistas de farmácia, 14 (15,56%), a amigos, dois (2,22%) se aconselharam com vizinhos e 13 (14,44%), com outras pessoas (Figura 5).

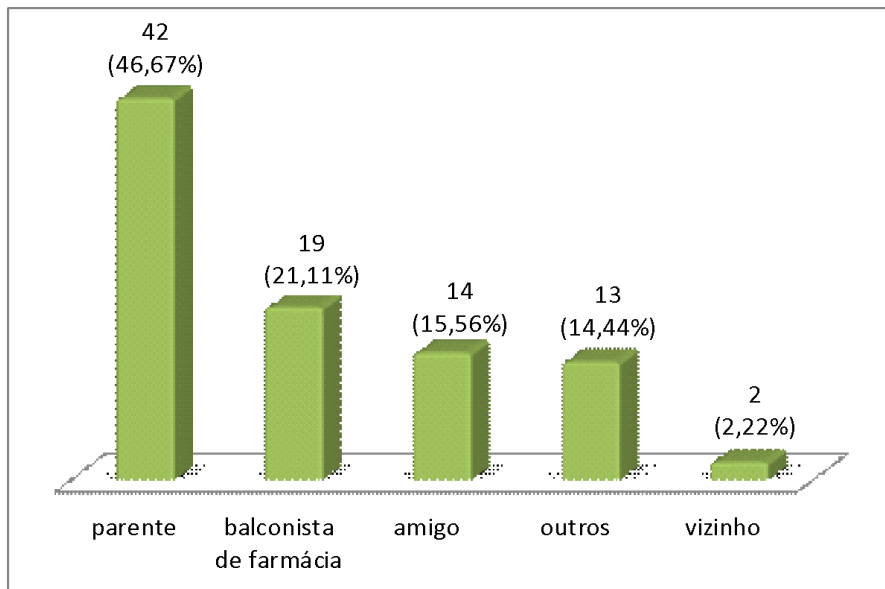


Figura 5. Influência de terceiros sobre a automedicação nos estudantes da FAVAG. Nova Porteirinha (MG), Brasil, 2017.

Evidenciou-se, com relação ao uso de receitas médicas antigas, que 66 (46,15%) estudantes afirmaram ter se baseado nelas, sendo 43 (65,15%), em suas próprias receitas e 23 (34,85%), em receitas de outras pessoas.

Verifica-se, em relação ao conhecimento sobre os possíveis riscos da automedicação, que 133 (93,01%) estudantes afirmaram conhecê-los, enquanto somente dez (6,99%) declararam não ter conhecimento sobre o assunto.

Acrescenta-se, a respeito de já terem apresentado algum problema decorrente da automedicação (reação adversa e/ou interação com outro medicamento), que 125 (87,41%) responderam não ter apresentado nenhuma intercorrência, e uma pequena parcela dos estudantes (18; 12,59%) afirmou ter apresentado algum problema devido à automedicação. Relata-se, ainda, que seis (4,20%) acadêmicos afirmaram ser diabéticos ou hipertensos e 25 (17,48%) admitiram fazer uso de algum medicamento contínuo.

DISCUSSÃO

Constatou-se que a maioria dos estudantes investigados era do sexo feminino, resultado semelhante ao encontrado em outro estudo,⁶ os quais evidenciaram, no seu estudo, um maior número de participantes do sexo feminino, correspondendo a 80,3%. Salienta-se,⁷ que é comum a grande quantidade de mulheres presentes nos cursos da área da saúde, enquanto se percebe, geralmente, uma maior prevalência de homens na área dos cursos de ciências exatas.

Revelou-se, no que concerne à idade, que a maior parte dos acadêmicos apresentou possuir entre 18 e 23 anos, seguida daqueles com idades entre 24 e 30 anos. Encontrou-se um resultado semelhante,⁸ em um estudo que buscou investigar a automedicação entre os estudantes dos cursos da área da saúde de uma universidade no Sul do Brasil, no qual foi mais comum a faixa etária dos

19 a 30 anos (85,1%). Aponta-se que⁹ outros autores também observaram uma tendência para a jovialidade, com o predomínio de estudantes de até 30 anos, em um estudo com universitários no município de Cornélio Procópio (PR).

Percebe-se, com relação ao estado civil, um predomínio de solteiros na população estudada. Salienta-se que em um estudo⁸ com acadêmicos de cursos da área da saúde de uma universidade do Sul do Brasil, também identificaram um predomínio de solteiros (80%) na população pesquisada; no entanto, alguns autores relataram,⁹ na sua pesquisa, não haver uma relação entre a prática da automedicação e o estado civil.

Observou-se, neste estudo, que uma grande parte dos universitários não possui plano de saúde privado. Entende-se, que, no Brasil, onde o acesso à assistência médica pública é difícil e a maior parte das pessoas não possui condições financeiras para pagar um plano de saúde privado, a prática da automedicação se torna bastante comum.¹⁰ Alerta-se, no entanto, pelos autores, que somente o fator financeiro não explica esta prática, citando a influência, também, de fatores como a escolaridade, a classe social, o acesso às informações a respeito dos medicamentos e, principalmente, o fator cultural.

Visualizou-se uma alta prevalência da automedicação nos acadêmicos de Enfermagem da FAVAG, assemelhando-se ao descrito por autores^{3,11-2} em estudos sobre a presença desta prática na população universitária.

Demonstrou-se, em um estudo³ com estudantes de Enfermagem do Estado de São Paulo, que 86,5% dos acadêmicos do primeiro ano e 100% do quarto ano realizam a automedicação, sugerindo uma relação estatística entre essa prática e o avançar do curso. Verificou-se, que a maioria dos universitários da cidade de Mogi Guaçu(SP) (137; 98%) também pratica a automedicação.¹¹

Constataram-se, ao pesquisarem sobre o perfil comparativo da automedicação entre estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, prevalências de automedicação nos últimos 30 dias de 57,1% dos alunos do curso de Biomedicina, 57,1%, na Biologia e 40%, para a Engenharia Elétrica.¹²

Identificaram-se, neste estudo, como as classes terapêuticas mais reportadas na prática da automedicação, os analgésicos e antitérmicos, seguidos dos anti-inflamatórios e antialérgicos. Enfatiza-se que tais achados se assemelham aos encontrados em um estudo,⁹ em que os medicamentos mais utilizados também foram os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios. Ressalta-se, no que concerne ao uso dos antibióticos, embora o percentual identificado possa não parecer expressivo sob o ponto de vista quantitativo, que o seu uso indiscriminado tem sido responsável pelo surgimento de bactérias super-resistentes, um grande e grave problema de saúde na atualidade. Notou-se, neste sentido, a necessidade de uma regulamentação específica para a comercialização de antibióticos, a RDC N°20/2011,¹³ da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que proíbe a venda de antibióticos sem prescrição.

Destacaram-se, entre as queixas apontadas para se justificar a utilização de medicamentos sem prescrição, as dores de cabeça, as alergias, as infecções de garganta e os resfriados/gripes, sobressaindo-se as dores de cabeça. Apura-se que também identificaram, na sua pesquisa, como os principais motivos, a dor de cabeça (75,9%), as gripes/resfriados (50,2%), a dor de garganta (40,5%) e a febre (35%).¹⁴ Percebe-se, por meio destes resultados, que as queixas mais apontadas condizem com as classes terapêuticas mais utilizadas neste estudo, o que também coincide com os medicamentos de fácil aquisição. Acredita-se, no que diz respeito às alergias, que esta queixa possa se justificar pelas condições climáticas da região, caracterizada pela baixa umidade ao longo do ano, favorecendo o desenvolvimento de quadros alérgicos.¹⁵

Notou-se, com relação ao tempo pelo qual a medicação foi usada, que a maioria afirmou tê-la utilizado por um dia ou de três a cinco dias. Indica-se, em um estudo realizado com estudantes de cursos da área da saúde, que 86 (43,9%) usaram o medicamento por três dias, 52 (26,5%), por um dia, 36 (18,4%), por dois dias e os outros, por mais de três dias.¹⁶

Salienta-se a importância do tempo de uso correto dos fármacos para uma terapêutica segura e exitosa. Alerta-se, desse modo, que o uso de medicamentos sem prescrição pode comprometer a qualidade e a segurança do tratamento. Avalia-se que, a exemplo dos tratamentos com antibióticos, é comum que, ao se apresentar a

melhora dos sintomas, as pessoas interrompem o uso do medicamento, atitude esta que pode favorecer o surgimento de cepas bacterianas super-resistentes. Acrescenta-se que o uso de fármacos por um tempo superior ao recomendado também pode trazer prejuízos à saúde do indivíduo. Exemplifica-se que a automedicação com o ácido acetilsalicílico (AAS) pode gerar sangramento gástrico, mesmo com dosagens terapêuticas baixas e, em doses elevadas, pode gerar o “salicilismo”, cujos sintomas incluem náusea, tontura, surdez e alcalose respiratória compensada.¹⁷⁻⁸

Destaca-se que a leitura da bula é fundamental para a compreensão e uso correto dos medicamentos, no entanto, a maioria da população pesquisada negligencia a sua importância. Constata-se que verificaram, na sua pesquisa, que, embora a prevalência da automedicação tenha sido alta, somente 46,1% dos universitários relataram ter o hábito de ler a bula.¹⁴

Percebeu-se que mais de metade dos estudantes investigados declarou já ter solicitado orientações ao farmacêutico ou balconista para a compra de medicamentos sem receita, ou ter recebido, na farmácia, conselhos não solicitados. Revela-se, de modo semelhante,¹⁹ demonstraram, ao investigar a prevalência da automedicação em acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás, que a maioria dos entrevistados afirmou se aconselhar com balconistas de farmácia, sendo 71,3%, pelos estudantes de Enfermagem e 56,5%, pelos estudantes do curso de Sistemas de Informação. Nota-se que, em relação a conselhos não solicitados, os autores identificaram um índice de 64,4% no curso de Enfermagem e 32,6%, no de Sistemas de Informação. Entende-se que tais achados chamam a atenção para o papel destes profissionais na influência sobre a prática da automedicação.

Demonstra-se, no que tange à influência de terceiros, que este é um fator que exerce influência sobre a prática de utilizar medicamentos sem prescrição, tendo sido os parentes, balconistas de farmácia e amigos os mais apontados. Destaca-se que, corroborando com estes resultados,²⁰ que a prática da automedicação é influenciada por indicações de terceiros, assim como por prescrições antigas. Aponta-se que em um estudo⁵ semelhante, com acadêmicos de Enfermagem do Estado do Amazonas, inferem que, apesar do processo de formação, que, teoricamente, pode oferecer subsídios para a tomada de decisão mais consciente, há, ainda, a influência de terceiros sobre a automedicação. Salienta-se, neste sentido, a importância transformadora da universidade, a fim de se superar paradigmas, com

a ruptura do culto à medicalização repassada entre as gerações.

Pondera-se que, apesar de a maioria dos acadêmicos de Enfermagem relatar possuir conhecimento sobre os riscos do uso de medicamentos sem prescrição, a maioria deles realiza esta prática. Sabe-se que, em uma pesquisa com estudantes de uma instituição de ensino superior em Goiás,¹⁴ concluíram que 52,1% afirmaram conhecer sobre os riscos e perigos da prática. Relatou-se, por estes autores, que as razões pelas quais as pessoas se automedicam são muito diversificadas, apontando o papel das propagandas de medicamentos, em contraste com as tímidas campanhas que tentam esclarecer os perigos da automedicação. Citam-se, ainda, a dificuldade e o custo de se conseguir uma consulta médica, a facilidade do acesso a informações sobre medicamentos obtidos por meio da rede mundial de computadores e outros meios de comunicação e a falta de regulamentação e fiscalização na venda de medicamentos.

Destaca-se que os acadêmicos da área da saúde serão os futuros profissionais da saúde e o que se espera é que estes profissionais mostrem uma atitude adequada à sua formação e coerente com a sua prática diária, devendo estar preparados para orientar sobre o uso racional de medicamentos, e que eles próprios realizem tal prática em seu cotidiano.⁸ Evidencia-se, assim, a necessidade da educação em saúde e a adoção de intervenções educativas ainda na graduação.

Revela-se, de forma semelhante ao resultado⁹⁻²¹ que a minoria dos estudantes afirmou já ter apresentado algum problema decorrente da automedicação. Ressalta-se, no entanto, que não se pode descartar a possibilidade de as reações adversas terem passado despercebidas. Salienta-se a importância desses casos, ainda que na minoria da população, tendo em vista o seu impacto financeiro sobre os serviços de saúde e a magnitude da automedicação como um problema de saúde pública.

Avalia-se que, apesar de a população declarada neste estudo como diabética ou hipertensa não representar um alto percentual, trata-se de um grupo altamente suscetível a interações medicamentosas e a reações adversas graves que podem, inclusive, colocar em risco a vida desses pacientes. Verifica-se que²² também destacam o risco das interações medicamentosas para diabéticos e hipertensos e enfatizam a necessidade da educação em saúde a fim de se prevenir agravos decorrentes do uso irracional de medicamentos. Atentam-se, sob esta ótica,²³ para o risco do uso de medicamentos sem prescrição por pacientes diabéticos, enfatizando os riscos do uso dos anti-inflamatórios não esteroides (AINE's). Reforça-se que os anti-inflamatórios constituem uma das classes terapêuticas mais reportadas na

automedicação pela população investigada, evidenciando-se, assim, o risco de possíveis interações medicamentosas.

CONCLUSÃO

Comprova-se, a partir deste estudo, que há uma alta prevalência de automedicação entre os acadêmicos de Enfermagem da Faculdade Vale do Gortuba (FAVAG), reforçando a ideia de que esta prática representa um grave problema de saúde pública e está presente, também, na população universitária.

Notabiliza-se a necessidade de se fortalecer a educação desses universitários para o uso racional de medicamentos, tendo em vista os riscos advindos dessa prática e, também, as suas implicações econômicas na gestão da saúde pública. Destaca-se a importância do gerenciamento responsável de medicamentos, a fim de se preservar a segurança desses acadêmicos, bem como a dos seus futuros pacientes.

Demonstra-se, ainda, pela influência de terceiros sobre a automedicação, a necessidade da educação voltada para o uso racional de medicamentos além do ambiente universitário. Ressalta-se, neste sentido, a pertinência das estratégias de saúde pública que minimizem a prevalência da automedicação, tais como a educação em saúde e as regulamentações para a publicidade e a comercialização de medicamentos.

REFERÊNCIAS

1. Telles Filho PCP, Pereira Junior AC. Self-medication in children from zero to five years: farmacos managed, knowledge, statement and background. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2013 June;17(2): 291-7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452013000200013>.
2. Leite ICPCR, Furtado MMSA, Rocha SS, Mariz SR, Oliveira TL, Peron AP, et al. Self-medication in students: a cross sectional study. *Bol inf Geum [Internet].* 2016 Jan/Mar [cited 2018 May 10];7(1):19-27. Available from: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/geum/article/view/2275>
3. Silva FM, Goulart FC, Lazarini CA. Characteristics of self-medication practice and associated factors among nursing undergraduate students. *Rev eletrônica de enferm.* 2014 Sept;16 (3): 644-51. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v16i3.20850>.
4. Matos JF, Pena DAC, Parreira MP, Santos TC, Vital WC. Prevalence, profile and factors associated with self-medication in adolescents and employees of a professionalizing public school. *Cad Saúde Coletiva.* 2018 Mar;26(1):76-83. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201800010351>.

5. Gama ASM, Secoli SR. Self-medication among nursing students in the state of Amazonas - Brazil. *Rev Gaúcha Enferm.* 2017 May;38(1):1-7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>.

6. Domingues MPS, Brandt GP, Oliveira APR, Souza SJP, Ramires MA, Burci LM. Self-medication and health academic staff. *Visão Acadêmica.* 2017 Apr/June [cited 2018 Sep 14];18 (2): 4-11. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/acd.v18i2.52943>.

7. Santos B, Souza LG, Delgado NM, Torres WO. Incidence of self-medication in nursing students. *J Health Sci Inst.* 2012 Apr/June [cited 2018 Apr 24];30(2):156-60. Available from: https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/02_abr-jun/V30_n2_2012_p156-160.pdf

8. Fontanella FG, Galato D, Remor KVT. Self-medication practice among college students taking health courses at a university in southern Brazil. *Rev Bras Farm [Internet].* 2013 [cited 2018 Aug 12];94(2):154-60. Available from: <http://www.rbfarma.org.br/files/rbf-94-2-11-2013.pdf>.

9. Tomasini AA, Ferraes AMB, Santos JS. Prevalence and factors of self-medication among academics from North Paraná. *Biosaúde [Internet].* 2015 [cited 2018 June 11];17(1):1-12. Available from: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/biosau de/article/view/25285/20458>.

10. Souza HWO, Silva JL, S Neto M. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. *Rev eletrônica farm.* 2008;5(1):67-72. DOI: <https://doi.org/10.5216/ref.v5i1.4616>

11. Carvalho AD, Carmo DM, Limone SC, Marini DC. Perfil da automedicação em universitários da cidade de Mogi Guaçu. *Foco [Internet].* 2014 Jan/June [cited 2018 Feb 10];5(6):93-107. Available from: <http://revistafoco.inf.br/index.php/FocoFimi/article/view/46/45>

12. Luz FAC, Morais-Silva G, Borges HDS, Fernandes-Santos J, Moura LD, Cândido TO, *et al.* Perfil comparativo da automedicação entre estudantes da universidade federal de Uberlândia. *Rev Horiz Cient [Internet].* 2014 [cited 2018 July 10];8(1):1-19. Available from: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/22529/14906>.

13. Ministério da Saúde (BR), Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 20, de 05 de maio de 2011. Dispõe sobre o controle de medicamentos à base de substâncias classificadas como antimicrobianos, de uso sob prescrição, isoladas ou em associação [Internet]. Brasília:

Ministério da Saúde;2011 [cited 2018 Oct 09]. Available from: <http://www.anvisa.gov.br/sngpc/Documentos2012/RDC%2020%202011.pdf>.

14. Alves TA, Malafaia G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *ABCS Health Sci.* 2014 Sept/Dec;39(3):153-9. DOI: <https://doi.org/10.7322/abcshs.v39i3.649>

15. Matos JF, Pena DAC, Parreira MP, Santos TC, Coura-Vital W. Prevalence, profile and factors associated with self-medication in adolescents and employees of a professionalizing public school. *Cad saúde coletiva.* 2018 Mar;26(1):76-83. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201800010351>.

16. Silva LAF, Rodrigues AMS. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. *Rev Bras Farm [Internet].* 2014 [cited 2018 Apr 15];95(3):961-75. Available from: <http://www.rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area-de-saude.pdf>

17. Weckx L. Antibiotics: from use to abuse. *Braz j otorhinolaryngol.* 2012 Apr;78(2): 2-2. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1808-86942012000200001>.

18. Jiménez IA, Zuñiga AV, Jara RC. Intoxicación aguda por Ácido Acetilsalicílico. Parte 2: Evaluación clínica y manejo. *Rev Clin Esc Med UCR [Internet].* 2016 Jan [cited 2018 June 19]. 1(1):152-8. Available from: <http://www.medigraphic.com/pdfs/revcliescmed/ucr-2016/ucr161t.pdf>

19. Rodrigues CR, Pereira IAG. Prevalence of self medication among students of state university of goias - Campus Ceres. *Rev Biotec Ciênc [Internet].* 2016 [cited 2018 Mar 16];5(1):36-52. Available from: <http://www.revista.ueg.br/index.php/biociencia/article/view/5576/4183>

20. Urbano AZR, Almeida AC, Henrique MP, Santos VG. Automedicação infantil: O uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e de São Vicente. *Rev Ceciliana.* 2010 Dec [cited 2018 Apr 25];2(2):6-8. Available from: http://sites.unisanta.br/revistaceciliana/edicao_04/2-2010-6-8.pdf.

21. Sousa LA, Sena CFA. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico. *Rev Bras Ci Vida [Internet].* 2017 [cited 2018 Oct 01];5(1):1-21. Available from: <http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/115/80>

22. Rempel C, Goettert MI, Strohschoen AAG, Carreno I, Manfroi M, Moreschi C. Analysis of medication used for diabetic and hypertensive.

Cad pedagógico [Internet]. 2015 [cited 2018 June 19];12(1):241-52. Available from: <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewFile/948/936>.

23. Gomes MA, Cruz FAO, Fragoso VMS, Pinto GC. Analysis of the self-medication in patients with diabetes. *Vivências Rev Eletronica Exten URI* [Internet]. 2013 May [cited 2018 July 09];9(16):193-200. Available from: https://www.researchgate.net/publication/313114379_ANALISE_DA_AUTOMEDICACAO_EM_PACIENTES_COM_DIABETES Analysis of the self-medication in patients with diabetes

Submissão: 07/02/2019

Aceito: 02/06/2019

Publicado: 02/08/2019

Correspondência

Karla Taísa Pereira Colares

E-mail: karla.colares@ufvjm.edu.br



Esta obra é licenciada sob Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) sendo permitida a reprodução parcial ou total desde que mencionada a fonte.